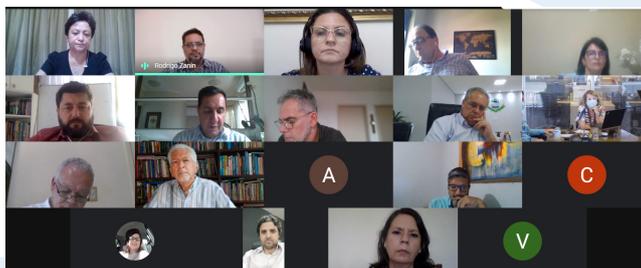


CONSELHO PLENO DA ABRUEM SE REÚNE VIRTUALMENTE



A Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (Abruem) realizou na última quarta-feira, 31 de março, a primeira sessão de 2021 do Conselho Pleno da Associação. A reunião ocorreu via plataforma Google Meet e contou com a participação de reitores de todo o Brasil.

A primeira pauta a ser deliberada e aprovada foi o pedido de filiação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Durante a apresentação da pauta, foi lido relato de análise feito pelo reitor da Urca, professor Francisco do Ó' de Lima Júnior, membro do Conselho Deliberativo.

Os próximos tópicos a serem deliberados foram as substituições dos professores, Pedro Fernandes (Uern) e José Alfredo de Pádua (Uni-Facef), como membros suplentes no Conselho Deliberativo e no Conselho Fiscal, pelos reitores Alberto Barella Netto (UniRV) e Alfredo José Machado Neto (Uni-Facef), respectivamente.

Durante as discussões a respeito da pauta que tratava da atualização dos membros das Câmaras Técnicas da Abruem, o Conselho Pleno definiu que será criada uma comissão. O objetivo será atualizar o regimento das Câmaras da Associação, prevendo a possibilidade de criação de novas Câmaras e também de Comitês permanentes ou temporários. Logo após, foi realizada eleição para a escolha dos presidentes das Câmaras.



Permaneceram como presidentes das Câmaras de EaD, Internacionalização e Mobilidade, e Gestão e Governança, respectivamente, os reitores Dilmar Baretta (Udesc), Fátima Aparecida Padoan (Uenp) e Francisco do Ó' de Lima (Urca). Para as Câmaras de Graduação, Pós-Graduação e Extensão foram eleitos novos presidentes: reitores Alexandre Almeida (Unioeste), Marco Aurélio Ferreira (Unifae) e Juliene Rezende (Unifimes), respectivamente.

A Câmara de Saúde e Hospitais de Ensino terá sua presidência divulgada posteriormente, assim como a composição integral de todas as Câmaras.

O último assunto a ser discutido na sessão plenária foi a prestação de contas da Abruem referente ao ano de 2020. O relato da prestação foi realizado pela professora Fátima Aparecida Padoan, reitora da Universidade Estadual do Norte do Paraná e membro do Conselho Fiscal da Associação, e aprovado por todos os presentes.

Assessoria de Comunicação Social da Abruem

NOVAS DOAÇÕES DE EMPRESAS E DA COMUNIDADE REFORÇAM TRABALHO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE DO HUCF DA UNIMONTES



As ações solidárias da comunidade têm sido essenciais no apoio à assistência à saúde oferecida dia a dia pelo Hospital Universitário Clemente de Faria, da Unimontes, sobretudo neste período de pandemia pelo novo Coronavírus. Nos últimos dias, a unidade recebeu uma série de donativos para o apoio ao tratamento dos pacientes em setores como a pediatria, enfermagem, pronto-socorro e na própria UTI Covid-19. O trabalho da Associação das Voluntárias e Amigas do HUCF (AVAHU) foi determinante neste sentido, ao mobilizar uma série de parceiros e a própria comunidade.

Entre os parceiros estão os próprios servidores, que se mobilizaram para arrecadar fraldas geriátricas, como na campanha coordenada pela técnica em Enfermagem do Bloco Cirúrgico, Joelma Santana Dias, que contou com o apoio da equipe. Da mesma forma, o HUCF recebeu o suporte do Grupo Cesta Solidária para receber outras doações de fraldas para adultos. Os itens foram repassados à UTI Covid, onde há maior demanda.

A farmacêutica dinamarquesa Novo Nordisk, referência mundial na produção de insulina e que possui em Montes Claros a maior fábrica da América Latina, ampliou duas doações ao setor de Covid-19 do HUCF com a entrega de sondas de aspiração N14, filtros hepa adulto, sondas de aspiração e filtro de ar para respiradores. A empresa doou também filtro hepa para a UTI Neonatal e placas de curativos (hidrocoloides). Também neste mês, a Novo Nordisk oficializou a doação ao Hospital de máscaras de oxigênio “Goodcome” e outras sondas de aspiração traqueal N14, além de caixas do medicamento injetável Midazolam (anestésico).



O deputado estadual Carlos Pimenta, médico egresso da Universidade e integrante efetivo da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), deu mais uma demonstração de apoio à Unimontes, com o repasse ao Hospital Universitário uma grande quantidade de fraldas infantis para apoio às mães mais necessitadas na Maternidade “Maria Barbosa” e aos pequenos internos na UTI Neonatal.

CAMPANHA



A Igreja Batista Kerigma, de Montes Claros, também contribuiu com o trabalho de assistência do HUCF ao doar, na última semana, várias cadeiras de banho para o suporte aos pacientes mais debilitados. Os donativos são oriundos da “Campanha Pela Saúde”, que continua em andamento para arrecadar insumos que possam ajudar no trabalho diário da unidade.

Outro repasse estratégico ao Hospital da Unimontes veio da empresa Gama Montagens Industriais e da Construtora CSO, com a doação das peças de conexões em “Y” para aplicação na rede de oxigênio dos diversos setores, especialmente da UTI Covid-19.

A superintendente do HUCF, Priscilla Izabela de Menezes destaca o apoio preciso e permanente da comunidade ao Hospital, como um reconhecimento coletivo. “Somos gratos à AVAHU, às empresas parceiras, aos servidores e a toda a comunidade que sempre nos apoiam, ainda mais neste momento de Pandemia. Sabemos que a luta é diária, mas nos vestimos com a fé e confiantes trabalho incansável de todos para oferecer a assistência necessária a todos os nossos usuários. O HUCF é um hospital 100% SUS, de todos nós”, observa.

Fonte: Site Unimontes

INDICADORES DE POLUIÇÃO E MOBILIDADE AJUDAM A PREVER AUMENTO DE CASOS E MORTES POR COVID-19 EM SÃO PAULO

Estudo realizado por pesquisadores das universidades de São Paulo (USP), de Leeds (Reino Unido) e Harvard (Estados Unidos) sugere que indicadores de poluição e de mobilidade podem também ser usados para prever o aumento no número de casos e de mortes por COVID-19.

Em artigo divulgado na plataforma medRxiv, ainda sem a revisão dos pares, os autores relatam que até mesmo reduções discretas nos índices de mobilidade e de poluição observadas na cidade de São Paulo se refletiram

em queda considerável no número de novas infecções e de óbitos nos dias seguintes.

“Mas é importante ressaltar que se trata de um estudo puramente matemático”, diz Edmilson Dias de Freitas, professor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG-USP) e autor do estudo, que contou com apoio da FAPESP por meio de diversos projetos (15/03804-9, 16/18438-0 e 16/10557-0).

Ao correlacionar os padrões de distanciamento social, dados epidemiológicos, de poluição e meteorológicos, autores calcularam que uma taxa de isolamento de 45,28% na capital está associada a 1.212 novos casos de COVID-19 e 44 novas mortes. Porém, quando se reduz a movimentação das pessoas, ou seja, o índice de isolamento aumenta para 50%, é possível reduzir o número de casos da doença para 438 e ainda evitar quase a metade dos óbitos.



A análise foi realizada por pesquisadores de ciências atmosféricas que integram projetos de pesquisa apoiados pela FAPESP. O índice de isolamento social do Sistema de Monitoramento Inteligente (SIMI-SP), foi acompanhado ao longo da pandemia por meio de dados não personalizados, fornecidos pelas operadoras de telefonia móvel. Além desse indicador, foi avaliado o índice de mobilidade residencial do Google.

A taxa de isolamento SIMI-SP de 45,28% é a mediana na cidade de São Paulo, índice que no estudo melhor se associou aos dados epidemiológicos da COVID-19 na cidade. No dia 16 de março de 2021, quando São Paulo entrou na fase mais restritiva e bateu o recorde de mortes por COVID-19, a taxa de isolamento foi de 42%.

“Além de encontrarmos associações estatísticas entre COVID-19 e o índice de isolamento, observamos também padrões de tempo bem demarcados. Isso quer dizer que, quando ocorreu aumento de mobilidade, pôde-se observar de quatro até nove dias depois um aumento de casos e, a partir de 18 dias, um aumento no número de mortes”, relata Sergio Ibarra-Espinosa, pesquisador do IAG-USP e autor principal do estudo.

Embora o estudo não tenha levado em conta fatores específicos da doença, os dados estão de acordo com o desenvolvimento da COVID-19. De modo geral, uma pessoa infectada pelo SARS-CoV-2 demora de quatro até nove dias para desenvolver os sintomas.

“Observam-se padrões muito claros, o que faz esse indicador importante para a formulação de políticas públicas. Da mesma forma que ele mostra que mais distanciamento social pode evitar mortes, o contrário também é verdadeiro. Quanto maior a movimentação na cidade, maiores serão os números de casos e de mortes por COVID-19, que foi o observado com o aumento da circulação de pessoas nas festas de fim de ano e outros feriados”, comenta Amanda Rehbein, bolsista da FAPESP no IAG-USP e coautora do estudo.

Pico de transmissão e potencial colapso

Os pesquisadores utilizaram dados coletados entre 27 de março de 2020 e 12 de março de 2021 (antes do pico da pandemia) e, portanto, o estudo não considera a possibilidade de saturação do sistema de saúde nem de qualquer medida em relação ao uso de máscaras, procedimentos de higiene ou auxílio financeiro para que a população permaneça em casa.

“Portanto, o impacto pode ser significativamente maior com a saturação do sistema de saúde e o comprometimento de tratamento adequado para todos os pacientes. Afinal, as relações observadas ao longo do período estudado não contaram com a falta de atendimento de emergência, sendo este um fator fundamental em relação ao número de óbitos”, afirma Freitas.

Os pesquisadores também observaram que um incremento de material particulado e ozônio na atmosfera esteve associado ao aumento de casos e mortes por COVID-19. “Não sabemos ainda o motivo dessa associação. Como se trata de uma doença respiratória pode ser que a poluição interfira no agravamento. Outra possibilidade é os índices de poluição serem indicadores de mobilidade, já que material particulado e ozônio estão associados à queima de combustível fóssil”, diz Freitas.

O artigo Association between COVID-19, mobility and environment in São Paulo, Brazil pode ser lido em

www.medrxiv.org/content/10.1101/2021.02.08.21250113v1.

Fonte: Agência FAPESP. Texto: Maria Fernanda Ziegler

LIGAS ACADÊMICAS DA UNITAU TRAZEM AULA ABERTA SOBRE INSUFICIÊNCIA ADRENAL COM CONVIDADO DE OXFORD

A Liga de Endocrinologia e Metabologia, em parceria com a Liga de Clínica Médica, do curso de Medicina da Universidade de Taubaté (UNITAU) irá promover, nesta quinta-feira (1º), às 17h, uma aula aberta sobre “Insuficiência adrenal na emergência”. O encontro, destinado a estudantes e a profissionais da área da saúde, será online e contará com a participação



do professor da Universidade de Oxford, John Wass, autor de mais de 300 artigos científicos e presidente do grupo de referência clínica para Endocrinologia no Reino Unido.

“A insuficiência adrenal é uma doença que ocorre por múltiplas causas, que resultam no mesmo problema: a perda de função da glândula adrenal e, conseqüentemente, a perda da produção de seus hormônios. Por ser pouco conhecida, o diagnóstico é tardio

e, nesses casos, a pessoa portadora da síndrome pode entrar em crise e ir a óbito por não receber o tratamento adequado”, comenta a presidente da Liga de Endocrinologia e Metabologia, Judy Auada.

A iniciativa do encontro online sobre o assunto surgiu após Judy acompanhar a jornada de sua mãe, que sofria com os sintomas da insuficiência e se queixava deles à sua endocrinologista por cerca de 10 anos, sem um diagnóstico. “Infelizmente, descobrimos sua condição quando ela já havia entrado em crise. Com seu diagnóstico, me tornei membro da Associação Addisoniana do Brasil, que não tem fins lucrativos e luta pelos direitos dos portadores da crise. Ao acompanhar inúmeros relatos semelhantes aos de minha mãe, achei importante trazer o assunto ao universo acadêmico”, relata a aluna do 6º semestre do curso de Medicina.

O convidado de Judy, professor John Wass, irá abordar não somente os sintomas e o tratamento da insuficiência adrenal, mas também as etiologias, fisiopatologia e como remanejar e orientar os pacientes em caso de crise. A aula é aberta e para participar basta realizar a inscrição no link:

<https://cutt.ly/Acanzsj>

Fonte: Acom/ Unitau

UEA, IFAM E UFAM PARTICIPAM DE PESQUISA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

“Eu estava usando uma saia um pouco acima do joelho e fui altamente assediada”. “Eu estava passando pelo corredor e o professor achou que eu fosse assaltante”. “Sofri agressão por ser chefe mulher e o servidor não aceitar”. “Mulher bonita não tem competência, é promovida por causa da sua beleza”. “Por ser indígena tive minha identidade questionada e minha inteligência também”. “Busquei a coordenação do curso, disseram que o profissional tinha esse histórico (de assédio), porém era um grande profissional”. “A Universidade não fez nada a respeito”.

Estes foram alguns dos depoimentos de mulheres que participaram da

pesquisa “Violência contra as mulheres na universidade: uma análise nas instituições de ensino superior no Amazonas”, que contou com a participação de 1.166 pessoas das comunidades acadêmicas das instituições públicas de ensino superior do Estado do Amazonas: Instituto Federal do Amazonas (Ifam), Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e a Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

O estudo envolveu uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) e coordenado pela professora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Milena Barroso, tendo como público-alvo estudantes, técnicos, professores e funcionários terceirizados que estudam e trabalham nas principais instituições de ensino superior público do Amazonas.

Dados e metodologia

Participaram da pesquisa 1.166 pessoas da Ufam, Ifam e UEA, sendo 65% mulheres, 32% homens e um percentual de quase 2% que se identificaram como de outro gênero. Desse universo, 38% afirmam que foram vítimas de algum tipo de violência no espaço universitário nos últimos cinco anos. Outros 83% avaliam que é provável a ocorrência de algum tipo de violência na universidade durante os próximos seis meses. Os resultados apontam também que mulheres e homens são vítimas de violência, no entanto, a prática é predominantemente executada por homens, em um percentual que chega a mais de 85%.

Os registros são variados, vão desde assédio moral e sexual, estupro a discriminação social, racismo, xenofobia, homofobia, lesbofobia e transfobia. A coleta de dados foi realizada em 2020 em etapas inter-relacionadas: visitas in loco, entrevistas com representantes de instituições de ensino superior e coleta de dados a partir de plataforma digital com 90% de confiança nos dados obtidos. A metodologia contou também com a realização de um webinar sobre o tema.

Violência Institucional

Um dos principais resultados apontados pela pesquisa diz respeito à violência institucional sofrida pelas mulheres no espaço acadêmico. Segundo as pesquisadoras, as relações hierárquicas e o funcionamento sexista das instituições naturalizam vários tipos de violência, o que, conseqüentemente, dificulta sua apreensão por parte das vítimas.

A naturalização da violência também é um problema apontado pelo estudo. A sala de aula é considerada, pela maioria do(a)s participantes da pesquisa, como o local mais violento para mulheres e homens na universidade. Os resultados apontam que grande parte das vítimas não oficializa denúncia e os motivos estão relacionado ao medo, à vergonha e às limitações dos canais institucionais de comunicação.

“As violências são múltiplas na universidade, desde as mais diretas até

outras que, de tão naturalizadas, se confundem com a própria instituição. Nesse sentido, nossa pesquisa é uma contribuição para as universidades pensarem em políticas de segurança e proteção às mulheres e à comunidade acadêmica no geral. A sensação de insegurança e a violência são alarmantes e se colocam como impeditivos importantes para o sucesso nos projetos e carreiras acadêmicas e profissionais”, explica a coordenadora da pesquisa, professora Milena Barroso.

Fonte: Ufam. Texto: Professora Milena Barroso

UNICENTRO TEM CINCO PROJETOS APROVADOS EM EDITAL DO PROGRAMA DE PESQUISA PARA O SUS



A Unicentro teve cinco projetos aprovados na Chamada Pública 11/2020, do Programa Pesquisa para o SUS: Gestão Compartilhada em Saúde, o PPSUS, financiado pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná. O Programa busca, entre outros pontos, atender às necessidades de saúde locais de cada unidade

federativa brasileira e, para isso, abre editais de financiamento em pesquisas que abordam temas prioritários para a saúde da população e que promovem a aproximação dos sistemas de saúde e de ciência e tecnologia locais.

Nesta edição, foram aprovados projetos coordenados pelos professores Christiane Riedi Daniel, do Departamento de Fisioterapia; Cristina Ide Fujinaga, de Fonoaudiologia; Daniel de Paula, de Farmácia; Emerson Carraro, também de Farmácia; e pela professora Daiana Novello, do Departamento de Nutrição.

O título da proposta enviada pela professora Daiana é “Estratégias interdisciplinares de educação em saúde para a prevenção da obesidade na infância”. Entre os objetivos do projeto, explica a professora, está o desenvolvimento de ações de prevenção da obesidade e de doenças crônicas não transmissíveis associadas em crianças da rede municipal de ensino de Guarapuava. “Nós pretendemos caracterizar esse público-alvo, avaliar o estado nutricional das crianças, analisar os hábitos de saúde relacionados à alimentação e nutrição e atividade física das crianças, e realizar estratégias educativas interdisciplinares com esse público, visando a prevenção da obesidade e doenças crônicas não transmissíveis”.

A ideia, acrescenta a professora, é também realizar estratégias educativas

interdisciplinares para profissionais da educação e da saúde pública. “Para que eles possam ser disseminadores do conhecimento e continuar essa prevenção mesmo após a finalização do projeto e, finalmente, nós vamos elaborar e distribuir materiais educativos que possam auxiliar o público-alvo na prevenção da obesidade e doenças crônicas associadas, tanto em curto, médio e longo prazos”.

Além desses cinco projetos, a Unicentro também deve atuar como instituição parceira no desenvolvimento do projeto “Acesso ao tratamento multi e interprofissional e adesão ao tratamento em pessoas com doenças crônicas não transmissíveis, em municípios de pequeno porte do estado do Paraná”. A proposta é coordenada pelo professor Mathias Roberto Loch, da Universidade Estadual de Londrina; pela professora Lucélia Borges, da Universidade Federal do Paraná; e pelo professor Silvano Coutinho, do campus Irati da Unicentro.

De acordo com o professor Silvano, a ideia do trabalho surgiu a partir da preocupação dos professores com a questão do atendimento inter e multiprofissional. Além disso, também quiseram voltar a atenção aos municípios de pequeno porte já que, como pontua o professor, a maioria das pesquisas são realizadas em municípios de grande porte, capitais ou grandes municípios. “Nós verificamos que dos 399 municípios existentes no Paraná, 312 deles possuem menos de 20 mil habitantes. Então, esse é o foco quando a gente fala em pequeno porte. A pesquisa será desenvolvida nesses municípios em que estão referenciadas as regionais de saúde onde se encontram as universidades onde nós estamos vinculados”, detalha.

O professor ainda explica que o projeto será realizado em três etapas. A primeira será desenvolvida nos moldes do censo, considerando os municípios com menos de 20 mil habitantes. Os dados serão coletados a partir de um cadastro nacional de estabelecimentos de saúde e devem considerar todos os profissionais que atuam na atenção básica. A segunda etapa vai envolver os profissionais que atuam na atenção básica dos municípios referenciados à Regional de Saúde de Curitiba e região metropolitana; dos municípios referenciados à Regional de Saúde de Londrina; e dos municípios referenciados à 4ª Regional de Saúde, que tem sede em Irati.

“A terceira etapa”, complementa, “envolverá usuários com doenças crônicas não transmissíveis de quatro municípios de cada uma das regionais. Então, a partir do censo e depois da identificação de como atuam esses profissionais nessas regionais, nós vamos identificar dois municípios mais bem estruturados em relação ao trabalho multi e interprofissional e dois com a pior estrutura, e iremos até esses locais por via eletrônica, em função da pandemia, dos cuidados com biossegurança, e faremos entrevistas com usuários que participam, que são atendidos por esse serviço, por esses profissionais”.

Segundo o diretor de Pós-Graduação da Unicentro, professor Najeh Maissar Khalil, a aprovação dos projetos é uma forma de contribuir não só

para a comunidade, mas de alavancar as pesquisas na área da saúde na universidade. “Contribui, de modo muito efetivo, na melhoria também das atividades e formação da alunos de graduação e, sem dúvida, muitos desses projetos devem atuar junto ao programa de pós-graduação stricto sensu. Esses financiamentos ajudam na avaliação dos programas, no desenvolvimento de projetos de maior qualidade, na possibilidade de publicações de alto impacto. Então, esses projetos aprovados atuam em uma contribuição muito significativa na visibilidade da qualidade da pesquisa desenvolvida na Unicentro”, avalia.

Fonte: Site Unicentro

Feliz Páscoa

*Que a esperança de um novo tempo se revigore nesta Páscoa.
Que o desafio de construir um mundo melhor seja nosso farol
e o conhecimento e a solidariedade sejam nosso caminho.*



Equipe Abruem



*Associação Brasileira dos Reitores das
Universidades Estaduais e Municipais
www.abruem.org.br*